

XIII DOMINGO COMUM A



PORTO DE ACOLHIMENTO

"UMA FAMÍLIA UM PORTO"



COM. M. A. P.
PORTO



RITOS INICIAIS

Procissão de entrada | Cântico de Entrada | Saudação inicial

P. Com o verão em força, apetece-nos ainda mais sair de casa, beber um copo de água fresca, mergulhar nos rios ou nas ondas do mar. Mas Jesus continua a bater à porta da nossa Casa e do nosso coração, para que O recebamos como Hóspede divino. Ele quer-nos escutar. Ele quer-nos falar. Ele quer partilhar a nossa mesa. Ele quer oferecer-Se como alimento que sacia. Na Eucaristia, recebemos a Cristo e Ele recebe-nos a nós. Começemos por arrumar a nossa casa, limpar o nosso interior, para dispor o nosso coração a acolher a presença do Senhor. Invoquemos a Sua misericórdia.

Kyrie

P. Senhor, que nos acolheis por amor e nos dais uma vida nova desde o nosso Batismo, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, que nos chamais a morrermos para o pecado e a vivermos para Deus, Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, que nos chamais a acolher-Vos em cada irmão e irmã, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Ou

P. Senhor, muitas vezes não sabemos acolher o outro, através da escuta atenta do coração. Ensina-nos a escutar até o silêncio do olhar! Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, muitas vezes não sabemos acolher o outro, nas suas diferenças. Ensina-nos a acolher as diferenças como uma bênção e não como uma ameaça! Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, nem sempre damos atenção aos pequenos detalhes da vida. Ensina-nos a cuidar dos pormenores, para sermos maiores no amor! Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Oração coleta

Hino do Glória

LITURGIA DA PALAVRA

- 1.ª leitura
- Salmo
- 2.ª leitura
- Aclamação ao Evangelho
- Evangelho
- Homilia

HOMILIA NO XIII DOMINGO COMUM A 2023

1. Comecemos esta nossa conversa familiar, por uma pergunta atrevida: **Será que Jesus tem ciúmes dos nossos afetos familiares, do nosso amor aos pais ou aos filhos?** Estamos nós diante de uma prova de competição do coração?! Não. Jesus não nos pede um amor maior e principal a Ele e um amor menor ou secundário aos nossos pais ou aos nossos filhos. Jesus pede que o nosso amor aos outros esteja enraizado no Seu amor por nós. Só assim, o nosso amor crescerá pela via da dor e se tornará um amor que tudo suporta, um amor que dá a vida, um amor como o d'Ele, que não olha a quem, que vai até ao fim. Jesus coloca este amor d'Ele, ou este Amor a Ele, ou este Amor por Ele, acima de todas as coisas. Porquê? Porque Se nos deixarmos amar por Ele, se bebermos do Seu Amor como de uma fonte de água fresca, então o nosso amor ao pai e à mãe, ao filho ou à filha, será cada vez maior, será cada vez mais semelhante ao Seu por nós. Mais: este Amor tornar-me-á capaz de amar cada pessoa, como meu irmão e minha irmã, mesmo aquele e aquela que “*não me é nada*”, do ponto de vista dos laços familiares. Não são dois amores concorrentes, mas convergentes. Não separemos o que Deus uniu!

2. Acrescentemos agora uma segunda pergunta: **Como se vive, no concreto, o Amor?**

Para uma homilia mais breve, poder-se-á começar por aqui

Jesus resume todo o Evangelho, num copo de água fresca. Carregar a cruz e dar um copo de água fresca são dois extremos do mesmo movimento: dar-se todo em cada coisa, dar tudo em que cada gesto, por mais pequenino e discreto que seja. A pessoa vale o que vale o seu coração; cada pessoa vale pelo que dá. Cada um só tem o que dá! A minha vida vale o que vale o meu amor pelos outros. Este amor grandioso, esta caridade que tudo suporta (1 Cor 13,7), começa pelos gestos mais pequeninos, pois o amor é sempre discreto, não é fogo de artifício, não tem por que ser brilhante ou exuberante. Na verdade, este amor manifesta-se nos mais

pequenos gestos, na atenção aos mais pequenos detalhes, na dádiva das mais pequeninas coisas. Vede, por exemplo, o gesto tão simples do casal de Sunam, na 1.ª leitura. Eles ofereceram a Eliseu, homem de Deus, o quê? *Um leito, uma mesa, uma cadeira, uma lâmpada, uma refeição*. E, naqueles gestos, o que fica de tudo o que passa é sobretudo um pouco da sua atenção e dois dedos de conversa à mesa! Este gesto de acolhimento livrou este casal da maldição de uma vida estéril e tornou fecunda a sua vida, com a promessa de um filho nos braços!

3. Irmãos e irmãs: O verbo *acolher* aparece por 6 vezes no Evangelho. Por que será?! Somos chamados a multiplicar por 6 este milagre do acolhimento. Teremos nas pré-jornadas, na nossa Diocese do Porto (última semana de julho), mais de 20 mil jovens vindos de outras partes do mundo. Inscreveram-se 2.500 famílias de acolhimento. É muito bom, mas não chega. Porque haverá tanta dificuldade em acolher? Ainda veremos o «*estrangeiro*» como um perigo, uma ameaça? Porque não o vemos como um irmão, como uma bênção de Deus, como um homem ou mulher de Deus, que passa à nossa porta e pela nossa casa? Porventura pensaremos nós que, para acolher bem, é preciso transformar a casa num hotel de 5 estrelas? Dar abrigo aos peregrinos não se limita, de facto, a abrir as portas da casa, mas a franquear as portas do coração à novidade da sua presença e da sua diferença, da sua vida e da sua mensagem.

4. Irmãos e irmãs: somos chamados a descobrir Cristo tanto nos pobres como nos jovens peregrinos; somos chamados a ser seus amigos, a ouvir a sua voz, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria, que Deus nos quer comunicar através deles (cf. EG 198). Ora, se Deus nos recompensa tanto por um só copo de água dado a beber, quanto mais nos há de recompensar pela mesa posta, pela cara bem-disposta, pelos nossos braços abertos? Irmãos e irmãs: há pressa no ar! *Acolhamo-nos uns aos outros, como Deus nos acolheu em Cristo* (cf. Rm 15,7). E façamos de cada família, um porto de abrigo, um porto de acolhimento!

Credo batismal

P. Neste dia, em que São Paulo nos recorda que Deus nos acolheu em Cristo, através do Batismo, pelo qual morremos com Cristo, para ressuscitar n'Ele, com Ele e por Ele para uma vida nova, renovemos a nossa Profissão de fé batismal, dizendo: **R.** “Sim, creio”.

P. Credes em Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, padeceu e foi sepultado, ressuscitou dos mortos e está sentado à direita do Pai?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna?

R. Sim, creio!

Coro e assembleia repetem a aclamação de fé: Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja, que nos gloriamos de professar em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Oração dos Fiéis

P. Irmãos e irmãs: na certeza de que o Senhor escuta e acolhe as nossas súplicas, confiemos-Lhe as preces, que brotam do mais do nosso coração. E digamos:

R. Senhor, Hóspede e Peregrino, acolhei as nossas preces!

1. Pela Igreja, em processo sinodal: para que seja a Casa aberta do Pai e uma Mãe de coração aberto, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante. Oremos.
2. Pelos que governam as nações: para que promovam a hospitalidade, no acolhimento enriquecedor de todas as diversidades pessoais, raciais, religiosas ou culturais. Oremos.
3. Pelo bom êxito da Jornada Mundial da Juventude: para que ofereça e facilite a todos os participantes a experiência da beleza e da alegria da fé, vividas na comunhão com Cristo e com a Sua Igreja, para a transformação deste mundo. Oremos.
4. Por todos nós: para que, a partir das nossas casas, nos tornemos famílias de acolhimento da presença de Deus: na escuta partilhada da Sua Palavra, na abertura generosa ao dom de novas vidas, na valorização das diferenças e na hospitalidade de quantos procuram em nós um porto de abrigo. Oremos.

P. Senhor, nosso Deus, concedei-nos a graça de um coração acolhedor, generoso e hospitaleiro, para que a nossa vida, visitada pela vossa graça, se torne fecunda e frutifique em boas obras. Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Cântico de Ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Comum VII | “Cristo, hóspede e peregrino” | Santo | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão

RITOS FINAIS

Agenda pastoral | Bênção | Despedida

Final: Acolhei-vos uns aos outros como Deus vos acolheu em Cristo (Rm 15,7).

Ide em paz e o Senhor vos acompanhe.

Oração de Bênção da mesa | 02.07.2023

Cristo,
Hóspede e Peregrino no meio de nós:
nós Te acolhemos e oferecemos
um leito, uma mesa, uma cadeira,
uma lâmpada, uma refeição,
a escuta do nosso coração.
Abençoa este alimento,
e faz da nossa família
um porto de acolhimento.
Ámen.

OUTRAS HOMILIAS

XIII DOMINGO COMUM A

HOMILIA NO XIII DOMINGO COMUM A 2020

1. «*Fique em casa*» foi uma das palavras de ordem mais frequentes durante o estado de emergência pandémica. Para muitos, este “*fique em casa*” foi uma graça, uma oportunidade para aprender a habitar a própria casa, a reforçar os laços de afeto familiares e a redescobrir a família como o lugar mais seguro deste mundo, no meio da tempestade, primeira e principal rede social de apoio, no meio de inesperadas dificuldades económicas. Para outros, o prolongado confinamento em casa foi uma penitência, seja pela violência das relações difíceis ou inquinadas, seja pelo cansaço dos dias intermináveis, seja porque a casa se tornou sala de aula e posto de trabalho. Neste sentido, podemos dizer que a família emergiu desta pandemia como primeira escola da fraternidade, primeiro laboratório de vida social, primeiro hospital do cuidado de uns pelos outros. É importante não perder isto de vista, hoje e amanhã: cada família cuide da sua família. Cada família cuide de uma família.

2. Não menos importante foi a descoberta e o aprofundamento da família como *Igreja doméstica*, isto é, como primeira célula da Igreja e primeira rede essencial da missão e da transmissão da fé. Os pais começaram a assumir-se como primeiros e insubstituíveis educadores da fé: muitos descobriram o valor da catequese, acompanhando os filhos e interagindo com as propostas vitais e digitais; houve casais que reaprenderam a rezar juntos e não mais “*cada um para seu lado*”. Muitas famílias aproveitaram as variadas propostas de liturgia familiar para celebrar, do modo possível, o domingo, dia do Senhor. Outras criaram o seu *canteiro espiritual*, para acompanharem, em casa, todos juntos, as celebrações da Eucaristia ou do rosário, *teletransmitidas* pela TV e pelas redes sociais. Outras simplesmente habituaram-se a fazer uma pequena oração, no início e no fim das refeições. É um caminho aberto, que precisamos de aprofundar cada vez mais.

Aproveitemos as oportunidades desta crise. Porque pior do que esta crise, seria mesmo desperdiçá-la.

3. A liturgia deste domingo insiste na importância deste “*fique em casa*” e mostramos como a casa é o lugar por excelência da hospitalidade a Deus e aos irmãos. Na verdade – dizia a 1.ª leitura – uma mulher de Sunam convidava, com insistência, o profeta Eliseu a comer em sua casa. Por isso, “*sempre que por ali passava era em sua casa que (Eliseu) ia tomar a refeição*”. Um quarto com uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada são suficientes para dar hospedagem a este homem de Deus, que premeia a generosidade deste casal com o dom de um filho nos braços. Isto quer dizer que, também hoje, Deus quer habitar a nossa casa, fazer do nosso quarto lugar de oração, fazer da mesa da refeição lugar de bênção, de partilha e de celebração da vida em comum. Precisamos de reaprender a sentarmo-nos mais tempo na cadeira ou no sofá, para exercitar o diálogo conjugal e familiar para a escuta recíproca, a fim de que Deus possa acender uma luz em tantas fendas e escuridões da nossa vida.

4. Não desperdicemos, portanto, esta graça da redescoberta da família como *Igreja doméstica*, pondo Cristo cada vez mais no centro da nossa casa. Quanto mais o amor de Cristo estiver no centro da nossa vida e da nossa família, mais o amor familiar crescerá entre todos.

5. Queridos irmãos e irmãs, queridas famílias: os tempos próximos aconselhamos, por várias razões, a *ir para fora cá dentro*, a fazer uma vida mais caseira e umas férias mais «em família». Não nos entristecemos por causa disso. Peçamos ao Senhor que abençoe as nossas famílias para que, estando em casa, encontremos em Cristo um refúgio, ao sairmos O tenhamos por companheiro, ao regressarmos O sintamos como hóspede, até que um dia cheguemos todos, felizmente, à morada para nós preparada na casa do Pai.

HOMILIA NO XIII DOMINGO COMUM A 2017

“Quem vos recebe, a Mim recebe” (Mt 10,40)! Sem mais, concretizemos alguns âmbitos, onde este acolhimento se torna “porta de abertura” aos outros, e, por eles, ao Senhor.

1. Começemos pela nossa família! Nas palavras do consentimento “os esposos acolhem-se e doam-se reciprocamente, para partilhar a vida toda” (AL, 74), mas também se dispõem a “receber amorosamente os filhos como um dom de Deus” (cf. AL, 166), como “uma dádiva e não como uma dívida” (AL, 81)! Com que alegria, a distinta senhora de Sunam ouviu do profeta Eliseu a recompensa da sua hospitalidade: “No próximo ano, por esta época, terás um filho nos braços” (2 Rs 4,16)! Na verdade, “a vida só pode sobreviver graças à generosidade de outra vida” (Papa Francisco, *Homilia*, Fátima, 13.05.2017)! Este acolhimento alarga-se, em família, “às mães solteiras, às crianças sem pais, às mulheres abandonadas, às pessoas deficientes, aos jovens que lutam contra uma dependência, às pessoas solteiras, separadas ou viúvas que sofrem a solidão, aos idosos e aos doentes que não recebem o apoio dos seus filhos, até incluir no seio dela mesmo os mais desastados nos comportamentos da sua vida” (AL, 197). Por último, “quando a família acolhe e sai ao encontro dos outros, especialmente dos pobres e abandonados” (AL, 324), mostra o rosto de uma Igreja “mãe de coração aberto” (EG, 46). Queridos casais, queridas famílias: tende esta certeza: “a família é o hospital mais próximo, a primeira escola das crianças, o grupo de referência imprescindível para os jovens, o melhor asilo para os idosos, a grande «riqueza social» que outras instituições não podem substituir” (Papa Francisco, *Homilia*, Equador, 06.07.2015). Por isso, “praticai generosamente a hospitalidade” (Rm 12, 13).

2. E olhemos agora para esta família, que somos nós. “A Igreja é chamada a ser a casa aberta do Pai. E um dos sinais concretos desta abertura é ter igrejas com as portas abertas” (EG, 47). Saibamos “tratar a todos misericordiosamente, a começar

por aqueles que nos procuram” (PDP 2015/2020, p. 31) e nos entram pela porta dentro, à procura dos sacramentos ou em alguma situação de dúvida e angústia, de dor e aflição! *“Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial”* (EG, 47), mesmo os casais em situações irregulares, que devemos *“acolher e acompanhar, com paciência e delicadeza”* (AL, 284), como *“uma mãe que cuida afetosamente deles e os encoraja no caminho da vida e do Evangelho”* (AL, 299). *“E nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a «porta»: o Batismo”* (EG 47). A própria Eucaristia, *“pela qual recebemos a Cristo e Cristo nos recebe a nós”* (Ecc. Euch., 22), deve tornar-se experiência de acolhimento, pois a Comunhão que recebemos *“não é um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”* (EG, 47). *“Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores”* (EG, 47). *“Temos mais facilidade para fazer crescer a fé do que para a ajudar a nascer”* (Papa Francisco, Discurso, 27.11.2014).

3. E a quem deveríamos privilegiar, neste acolhimento? Os mais pequeninos, na idade e na sociedade, os pobres e os doentes, os desprezados e os esquecidos. É tão importante *“que os pobres se sintam na comunidade cristã como em sua casa”* (NMI, 50; EG, 199). E hoje são novos pobres os imigrantes e emigrantes, os refugiados, entre os quais se contam as crianças, *“três vezes mais vulneráveis, porque de menor idade, estrangeiras e indefesas”* (Papa Francisco, Mensagem para o Dia do Imigrante e Refugiado, 2017). Nesta Europa, de *“condomínio fechado”*, sejamos capazes de acolher quem nos chega de fora, à procura de terra, teto, trabalho, estudo ou lazer. Ofereçamos ao mundo *“o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor”* (Papa Francisco, Homília, Fátima, 13.05.2017).

Homilia no XIII Domingo Comum A 2011

1. «Receber»: eis uma boa palavra-passe, para as férias do Verão que está aí, uma palavra, de abertura e de acolhimento, que se repete, no evangelho deste domingo e, se desenha, desde logo, na primeira leitura. Ali, nos falaram primeiro de uma distinta senhora, que não tinha filhos, e que recebera em sua casa o profeta Eliseu. Fez-lhe, de propósito, um quarto, deu-lhe uma cama, pôs uma cadeira e uma lâmpada. A máxima hospitalidade, na maior simplicidade! Eliseu, o homem de Deus, tornou-se então o seu hóspede, o amigo! Como recompensa por ter recebido um profeta, Deus vai dar-lhe a graça de ter o filho, que ela há tanto tempo esperava. Assim se vê que *«quem recebe o próximo, acaba por receber Deus e a sua graça»* que por nós passa, e deixa sempre a sua marca indelével!
No Evangelho, Jesus fala-nos deste bem receber, deste saber acolher: *«Quem vos recebe, a Mim recebe»*, disse Ele. E logo depois: *«E Quem me recebe, recebe Aquele que me enviou»*. É importante receber Jesus! E é importante saber recebê-Lo naqueles que Jesus envia, em seu nome! Só um coração simples e generoso, sabe receber, de braços abertos!
2. Nestes dias, em que partimos e nos repartimos, na esperança de sermos sempre bem recebidos, nestes dias que são de batizados e de festas da primeira comunhão, neste domingo seguinte à Solenidade do Corpo de Deus, não seria oportuno recordarmos, por exemplo, os sacramentos, em que que somos sempre bem recebidos, por Deus que nos acolhe em Cristo!?
- 2.1. São Paulo falava-nos do **Batismo**, desse banho regenerador, cuja celebração tem início à porta da Igreja, como primeiro gesto gratuito de recepção, de acolhimento, no seio desse Deus vivo, a quem chamamos nosso Pai, e no coração da Igreja, nossa Mãe! Então abriu-se para nós a

porta da fé, a porta da Igreja, a porta que é o próprio Jesus, a receber-nos, continuamente, no seu coração!

- 2.2. Este acolhimento inicial e germinal, na família da Igreja, que se realizou, para nós, no Baptismo, renova-se e torna-se cada vez mais intenso, sempre que participamos **na Eucaristia** e mais ainda quando comungamos (cf. João Paulo II, Ecc. Euch.22). Podemos mesmo dizer que «*na Eucaristia, cada um de nós recebe Cristo*»! Na Eucaristia, cada um de nós faz do seu coração a «casa» onde Jesus entra, como um hóspede, como o amigo invisível, que entra para ficar, numa amizade que dura para a vida inteira! Mas podemos também dizer que «*na Eucaristia, não somos apenas nós que recebemos Cristo. É também Cristo que nos recebe a nós*» (cf. Ibidem, 22)! Vede, que nem sempre nos damos conta disto: hoje Jesus acolhe-nos em sua casa, prepara-nos a mesa, acende-nos a luz da Palavra e alimenta-nos com o seu próprio Corpo e Sangue! Deste modo, já não somos apenas que recebemos Jesus, como hóspede. É ele que nos recebe a nós, como amigos e companheiros.
3. Queridos irmãos e irmãs: Para bem receber Jesus, na Eucaristia, não basta seguir as normas litúrgicas, pronunciar as palavras prescritas. Não basta fazer o sinal da cruz e cantar, dar a esmola e o abraço da paz no momento próprio. É muito fácil «*assistir à missa*» e não celebrar nada no coração, ouvir as leituras e não escutar a voz de Deus, comungar piedosamente, sem comungar com Cristo, dar-mo-nos a paz, sem efectiva reconciliação, recebermos Cristo em nós, sem espaço digno para Ele. Para bem receber Cristo, é preciso, antes de mais, guardar silêncio, para abrir o coração à escuta! Precisamos de renunciar ao ruído, para escutar outra voz diferente, que nos cure por dentro. Para receber bem Jesus, é preciso ter aberta a porta mais alta e mais íntima do coração, para o perdão, para o

louvor, para a dádiva, para a gratidão, para o acolhimento generoso, de uma presença, tão invisível como real e misteriosa!

4. Mas este acolhimento de Cristo, na Eucaristia, há-de repercutir-se, antes, durante e depois dela, no **acolhimento dos irmãos**. Por isso, peçamos ao Senhor, o dom da hospitalidade, do acolhimento, uma verdadeira arte de bem receber. E podíamos fazê-lo, rezando assim:

*“Dá-nos, Senhor, a capacidade de acolher apenas,
sem juízos prévios, nem cálculos.*

*Dá-nos a arte de acolher o trémulo,
o ofegante, o frágil modo,
com que a vida se expressa.*

*Torna-nos atentos ao desenho silencioso e áspero dos dias,
à dor profunda e, porém, quase anónima a nosso lado;
ao grito sem voz;
às mãos que se estendem para nós, sem as vermos;
à necessidade que nem encontra palavras”*

(J. Tolentino Mendonça, Um Deus que dança, 103)!

5. Porque, olhai: “se receberdes bem Aquele que comungais, vós mesmos vos tornareis naquele que recebestes” (Sto. Agostinho)!

HOMILIA NO XIII DOMINGO COMUM A 2005

FESTA DA PALAVRA

1. Uma mulher acolhe o profeta. Acolhe a Palavra. E recebe como fruto a promessa de um filho.

2. Jesus diz-nos que devemos acolher aqueles que Ele envia! Porque Eles nos ensinam a Palavra. Também Jesus promete uma recompensa de profeta àqueles que recebem a Palavra...

3. Nos devemos acolher sempre a Palavra. «Quem a acolhe no seu coração dará fruto e terá a vida», cantamos nós.
 - a) Acolher é ter tempo... para estar e sentar como «Maria, (irmã de Marta) aos pés do Senhor»...
 - b) Acolher é *afinar o ouvido do coração* e prestar atenção...
 - c) Acolher é *guardar* como Maria, Mãe de Jesus, todas as palavras no coração!
 - d) Acolher é *pôr em prática*...
 - e) Acolher é também festejar e *celebrar* essa Palavra, cada domingo, na Eucaristia, como Boa Nova.

4. Se o fizermos, daremos frutos de vida nova! As férias são um bom tempo para isso... Que a Bíblia que hoje ides receber, se torne, a partir de agora, o vosso «livro de bolso»!

HOMILIA NO XIII DOMINGO COMUM A

FESTA DA VIDA

1. «No próximo ano, terás um filho nos braços». Esta é a recompensa de Eliseu, à mulher sunamita que recebera o profeta em sua casa. Quem acolhe um Profeta, acolhe a Palavra. Quem Acolhe a Palavra, acolhe o próprio Deus. E quem acolhe Deus e a sua Palavra, acolhe também, como recompensa, o dom e a surpresa de uma nova vida!
2. A vida humana aparece aqui como um dom precioso de Deus. Tal vida, não é apenas obra do esforço humano, do encontro de duas vidas e de dois corações. É dom que supera o casal. É uma graça, que o ultrapassa. Uma vida nova, que é mais do que a soma de duas vidas. A Vida é um dom de Deus. Um dom surpreendente. Maravilhoso. Generoso. Único. Inalienável.
3. Mas o dom da vida humana é tanto maior, quanto esta vida participa da vida divina. Pelo Batismo, aquele que já antes recebera a vida, como dom de Deus, recebe também a vida eterna, a vida nova da ressurreição, a vida em abundância. Porque está enxertado no próprio Cristo, vive da sua Vida. São Paulo chega a dizer: *«já não sou Eu que vivo, é Cristo que vive em Mim»*.
4. Ora, quem vive da Vida de Cristo, recebeu a Vida como um dom, para fazer dela um dom que se dá. «Se Ele deu a vida por nós, devemos dar a nossa vida por Ele». São Paulo diz que *«morremos com Cristo, para vivermos uma vida nova»*... Uma vida dada pelos outros. Uma vida sacrificada (crucificada) pelos demais. Uma vida que cresce ao gastar-se, que se ganha, ao perder-se.
5. Na Eucaristia, aprendemos de Jesus, a receber a Vida para a dar! A Eucaristia é assim a grande escola da vida, porquanto ela nos ensina a viver a vida, como

um dom que se agradece e como um dom que se oferece. Que a Cruz que ides receber vos recorde a lei da vida. Cada um só tem aquilo que dá!

Homilia no XIII Domingo Comum A

Festa da Eucaristia

1. Há uma palavra, que se repete no evangelho deste domingo e na primeira leitura: a palavra «**receber**». Na primeira leitura ouvimos falar de uma senhora, que não tinha filhos, e que recebeu em sua casa o profeta Eliseu. Fez-lhe, de propósito, um quarto, deu-lhe uma cama, pôs uma cadeira e uma lâmpada. Eliseu, o homem de Deus, tornou-se o seu hóspede, o amigo! Como recompensa por ter recebido um profeta, com o seu coração tão generoso e acolhedor, Deus vai dar-lhe a graça de ter o filho, que ela há tanto tempo esperava. Vedes: Quem recebe bem o próximo, acaba por receber Deus e a sua graça!
2. No Evangelho, Jesus fala-nos desta qualidade tão importante de saber receber, de saber acolher: «*Quem vos recebe, a Mim recebe*», disse ele. E logo depois disse: «*E quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou*». É importante receber Jesus! É importante receber aqueles que Jesus envia em seu nome! Só um coração simples e generoso, sabe receber, com alegria!
3. Vós fostes recebidos, por Cristo, na Igreja, quando fostes baptizados! O Baptismo foi o primeiro gesto de recepção, de acolhimento: abriu-se para vós a porta da fé, a porta da Igreja, a porta que é o próprio Jesus, a receber-vos, no seu coração. O Baptismo é a porta de entrada, que fez de vós membros de Cristo e da Igreja, que é o seu Corpo.
4. Este acolhimento, este serdes bem recebidos por Deus, na família da Igreja, e que se realizou no vosso Baptismo, (este acolhimento) renova-se e torna-se cada vez mais intenso, quando participais na Eucaristia e quando comungais.

- a) Podemos mesmo dizer que na Eucaristia, cada um de nós recebe Cristo! Na Eucaristia, cada um de nós faz do seu coração a «casa» onde Jesus entra como um hóspede, como o amigo invisível, que entra para ficar, numa amizade que dura para a vida inteira!
- b) Podemos também dizer que «*na Eucaristia, não somos apenas nós que recebemos Cristo. É também Cristo que nos recebe a nós*» (cf. João Paulo II, Ecc. Euch.22): Vede: hoje Jesus acolhe-nos em sua casa, prepara-nos a mesa, acende-nos a luz da Palavra e alimenta-nos com o seu próprio Corpo e Sangue! Deste modo, não somos apenas nós que recebemos Jesus como hóspede. É ele que nos recebe a nós, como hóspedes e amigos! Tornamo-nos também hóspedes de Jesus! Jesus disse-o bem, em certa altura: «*quem come este pão, permanece em Mim e Eu nele*» (cf. Jo 15, 4).
5. Queridos meninos e meninas: ides receber hoje Jesus, como vosso alimento e Jesus receber-vos-á, como amigos. Este alimento não se transforma e desaparece em nós, mas somos nós que somos transformados nEle e por Ele (cf. Bento XVI, Sac. Carit.70). Por isso, disse-o bem Santo Agostinho: “*Se receberdes bem o corpo e o sangue de Cristo, vós mesmos vos tornareis naquele que recebestes*». Pela Eucaristia, tornar-vos-eis, não apenas cristãos, mas o próprio Cristo».

Homilia no XIII Domingo Comum A 2005

«Quem vos recebe, a Mim recebe»! (Mt.10,40)

1. Não está, de facto, na moda o verbo «receber». Parece que a própria Europa não quer receber mais ninguém em sua casa! E que países, como a França e a Holanda, se cansaram de dar, para fora. Os *países ricos* tornam-se uma espécie de condomínio fechado, tratando os pobres, como marginais. Um “arrastão” em Carcavelos, não ajudou à recomendada pausa de reflexão, que o Portugal dos «25» se propõe fazer. Antes, agitou, pelo país, ondas de racismo e de intolerância, como há muito não víamos. Os medos da convivência com a diferença, ressuscitam as velhas fronteiras de protecção à pátria. Andámos muitos anos por fora, como emigrantes, em terra estranha, mas ainda não sabemos como lidar com a diferença, dentro de casa!

2. Chegam-nos de todos os lados, (e não apenas das imagens de campos de refugiados, com Guterres à frente!), da beira da rua, pessoas a morrer de fome, como quem procura no continente europeu o *leite* e o *mel* da Terra Prometida. Incomoda-nos essa diferença, mais do que a indiferença. E quando chegam e nos batem à nossa porta, já não sabemos se os havemos de receber... e convencê-los a tornarem-se iguais a nós... se os havemos de aceitar, com a condição de que «*cada qual coma na sua casa*» ou se, nalguns casos, seduzidos por ventos da moda, os havemos nós de imitar a eles. Todos estes serão provavelmente descaminhos. Só uma *integração genuína* (Ecc. Eur.102) será digna da condição humana! Todavia integrar a diferença, sem perder a identidade, é uma fórmula ainda à procura do seu segredo. «*É imperativo sermos iguais, sempre que a diferença nos inferioriza. É imperativo sermos diferentes, sempre que a igualdade nos descaracteriza*» (Boaventura Sousa Santos). Não é fácil, no encontro com o diferente, com o outro, dar a cara, sem perder a face! E ver a face do outro, para lá da janela dos nossos olhos.

3. Sem grandes teorias da chamada “multiculturalidade”, a Liturgia de hoje oferece-nos um quadro vivo, para a aprendizagem simples desta convivência com a tal diferença de pessoas e culturas. É um belo exemplo de acolhimento recíproco. Na *primeira leitura*, uma mulher rica, do Reino do Norte, dá guarida a Eliseu, um pobre profeta desconhecido. Ela dá o que tem de melhor, na sua tradição cultural, que é o dever da boa hospitalidade. E recebe do profeta, sem qualquer hesitação, o que de melhor, o santo homem de Deus lhe pedia dar, da tradição viva do seu povo: o testemunho da sua fé, no Deus único. Nenhum, de ambos, perde a sua identidade ou trai a sua tradição, neste encontro. Ambos se enriquecem com a diferença. Ela abre-se ao dom da fé, comunicada por aquele santo homem de Deus. E o profeta aceita e recompensa a hospitalidade: “no próximo ano terás um filho nos braços”, garante-lhe Eliseu.

4. Os tempos que aí estão - caríssimos irmãos - de globalização e migrações, e mais ainda estes tempos de Verão, com as férias e as viagens, permitem-nos o contacto mais próximo, com a diferença da cor, da religião, da cultura e do poder económico. Os turistas, os imigrantes, os refugiados estão à porta. Na praia, no autocarro, na escola, e até na Igreja, teremos de aprender a difícil arte do diálogo com o próximo.

5. Nós, os cristãos, temos esse dever de acolhimento e hospitalidade. Porque *graças ao Baptismo*, também nós fomos enxertados e acolhidos por Deus em Cristo. Fomos «*integrados*» numa comunidade de fé, a Igreja, “onde não há estrangeiros, nem imigrantes, pois que todos somos concidadãos do reino dos céus” (Ef.2,19).

Depois, porque esta comunhão de uns com os outros, em Cristo, pelo Batismo, se consolida à volta da Eucaristia. Daqui deriva um impulso para um compromisso

real na edificação de uma sociedade mais justa, uma exigência de diálogo e de comunhão de proximidade, de aceitação, de partilha com o diferente, com o próximo menos próximo de nós! «*Não podemos iludir-nos: do amor mútuo e, em particular da solicitude por quem passa necessidade, seremos reconhecidos como verdadeiros discípulos de Cristo*» (MND 27-28). “*Em verdade vos digo: não perderá a sua recompensa*” (Mt.10,42)!

HOMILIA NO XIII DOMINGO COMUM A 2002

Numa altura em que a Europa se tornou uma espécie de condomínio fechado, do qual é excluída essa imensa multidão de pobres sem futuro e sem esperança, que mendigam a possibilidade de construir um futuro sem miséria, este episódio convida-nos a refletir sobre o sentido da **hospitalidade e do acolhimento**.

É evidente para todos que não temos os recursos suficientes para acolher, de forma indiscriminada, todos aqueles que batem à nossa porta; mas, a política que o nosso mundo segue em relação aos imigrantes, não esconderá, também, uma boa dose de egoísmo e de falta de vontade de partilhar? Como nos situamos face a isto?

A Europa deve reconhecer que lhe pertence em grande parte a responsabilidade da migração. A nosso ver, os grandes desequilíbrios de bens no mundo e as expectativas de mudança de vida sentidas por quem luta pela sobrevivência por não ter o mínimo de bens e entra na aventura das migrações internacionais são criados pela própria Europa e por um estilo de vida de consumismo e esbanjamento propagandeado pelos “mass media”. A quem ouve falar de tal “vida dourada” e está no limiar da pobreza é normal que lhe nasçam forças e procure apoios para emigrar de qualquer jeito.

A luta legítima por este “mínimo” faz-nos compreender o imigrante que se sujeita a toda a insegurança de transporte, de máfias, de adversidades e lembra-nos a sábia *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, Art. 13º, 1., quando diz que “*toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado*”.

A Europa não se pode fechar na defesa do seu próprio bem-estar. Deve ser superado todo e qualquer *egoísmo nacionalista*! Os cidadãos de países pobres têm direito natural a entrar nos países ricos, tal como no século passado o fizeram os europeus empobrecidos encontrando trabalho, sucesso e liberdade em países de outros continentes.

- Está a propor-se a penalização dos estados da U.E. que deixem entrar clandestinamente imigrantes, cortando-lhes fundos comunitários, e semelhante sanção em cortes na Cooperação Europeia a governos de países terceiros que não permitem ou permitem o trânsito da imigração ilegal;

- está a sugerir-se uma "polícia" que guarde as fronteiras externas da Europa e maiores restrições no direito de asilo.

- Estas medidas, a nosso ver, não são adequadas e não conseguirão fazer da Europa uma "fortaleza" ou "praça" inexpugnável. Medidas destas conduzem só a maior dependência dos imigrantes em relação aos empregadores e a novas e subtis formas de escravatura e, conseqüentemente, ao aumento da insegurança, da criminalidade, e da anarquia na vida pública. A dignidade dos europeus depende da dignidade de todos os outros povos e nunca poderá ser suportada com a "infra-dignidade" de ninguém.

A nossa leitura deixa claro, também, que o dar não nos despoja, nem nos faz perder seja o que for. O dar é sempre uma fonte de vida e de bênção. A dádiva não deve, no entanto, ser interesseira, mas desinteressada e gratuita.

Homilia no XIII Domingo Comum A

Vá para fora cá dentro! Um anúncio de promoção turística, hoje de mãos dadas com a Palavra do Acolhimento e do Bem receber. Por isso também um mote interessante para dizer em linguagem nova o sentido cristão dos tempos livres. Deixo-vos em dez breves palavras a força significativa deste apelo:

1. *Vá para fora cá dentro!* Não deslize isolado nas vagas ondas que o querem afogar. Mas serene no silêncio da brisa as suas marés talvez ainda por acalmar!

2. *Vá para fora cá dentro!* Não se ocupe do mundo que o rodeia, viajando curioso de tudo ver. Mas cuide primeiro do mundo que o habita, vá em peregrinação pelos recantos mais desconhecidos do seu ser!

3. *Vá para fora cá dentro!* Não queira conhecer um mar de gente para se divertir. Faça-se mais próximo dos que lhe são próximos, encontre tempo para os ouvir.

4. *Vá para fora cá dentro!* Não leve muita tralha que só atrapalha. Pois são poucas as coisas precisas para descansar: *um quarto, nele uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada.* Basta isso para repousar.

5. *Vá para fora cá dentro!* Não se perca em complicados roteiros sem saída. Olhe os cantos da casa, abra-lhe as portas e janelas. Talvez as visitas esperem um sinal mais para entrar.

6. *Vá para fora cá dentro!* Não perca tempo com a ementa e a etiqueta. Basta até um *copo de água fresca*, para revelar um olhar atento e braços abertos! É isso *bem receber!*

7. *Vá para fora cá dentro!* Não olhe os turistas como clientes a explorar. Acolha-os como irmãos de quem algo pode receber e a quem muito pode dar.

8. *Vá para fora cá dentro!* Não perca o tempo sem nada fazer. Aproveite-o para se recriar e fortalecer. Leia mais, durma melhor!

9. *Vá para fora cá dentro!* Não busque a sensação de viver. Acolha, sereno e livre, a surpresa do instante ainda por vir.

10. *Vá para fora cá dentro!* Não sonhe com imagens que não pode ou não deve ver. Invente paisagens, com Deus ao fundo!

Porque é cá dentro que Ele está. Deus a descobrir, a saborear e a repousar. Não deixe de O ouvir, de O sentir, de Lhe rezar. *Vá para fora cá dentro. Cristão, de braços abertos!*

HOMILIA NO XIII DOMINGO COMUM A 1999

1. *Vamos a banhos! Atravessemos o rio ou mergulhemos no mar! E deixemo-nos refrescar pela água, que recompensa, de graça, todo o esforço da nossa caminhada.* Este bem podia ser o apelo de uma qualquer companhia organizada, a pensar nas nossas férias de Verão...

2. Mas não. É a palavra do Apóstolo Paulo, a fazer-nos meditar no **mergulho primeiro do nosso batismo**. Não é outra coisa o primeiro sacramento, que este «*banho da nossa regeneração*» (Tit.3,5),

É como se para alcançar a Pátria da Promessa, fosse preciso largar a terra suja do pecado, atravessar o Mar Vermelho e mergulhar no rio Jordão. Ou - dito de outro modo - como se para nascer «*do nada para a Vida*», fosse necessário passar por um novo dilúvio, nascer e renascer «*pela água e pelo espírito*» (Jo.3,5).

São Paulo associa o Batismo, a este **mergulho fundo na morte de Cristo**, donde ressurgimos «*limpos das velhas impurezas*», criaturas inteiramente novas e renovadas, pela força criadora da sua ressurreição, «*mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus*» (Rom.6,11). Ao mergulhar nas águas do Batismo, o cristão participa, assim e, pela primeira vez, na Páscoa da morte e ressurreição de Cristo

3. Pelo banho batismal, o crente **é acolhido** e reconhecido como filho na Casa do Pai. É constituído Templo do Espírito Santo. E, como tal, **é recebido** no seio da Igreja. Por isso «*entra pela porta estreita*». No Baptismo, «**porta da vida e do reino**» (RB), o cristão inicia uma longa história de diálogo e de amor com Deus,

que primeiro o ama e o «chama pelo nome». E, ao «assinalar-nos com a cruz», sinal da nossa salvação, gravou a marca distintiva da nossa condição cristã...

4. Assim «mergulhados» no oceano infinito do seu amor, somos chamados também **a acolher** esta predileção de Deus, vivendo uma vida nova! Ou no dizer do Evangelho, uma vida dada, «perdida e achada» pelos outros, que formam doravante e connosco a única família de Cristo...

5. Ide a banhos, se quiserdes! Mas lembrai-vos que **o selo do Batismo, não tem prazo, nem férias**, nem limite de validade. Sem meterdes a cabeça na areia, o mergulho na água do rio ou do mar, vos recorde que, por um pouco de água fresca, «acompanhada da palavra da vida» (Ef.5,26), vos tornastes cristãos, para sempre e em toda a parte!

Homilia no XIII Domingo Comum A 1993

1. Acolher Deus...

Fizeram o quarto. Nele, um leito, uma mesa, uma cadeira e uma lâmpada. Sem ar condicionado nem alcatifas de luxo. O essencial, para uma pausa, um descanso, um restaurar de forças. Foi assim que se manifestou a hospitalidade de uma distinta senhora de Suném. Em sua casa o profeta Eliseu tomava alimento. Afinal era um santo homem de Deus, aquele que por ali passava. Tudo tão simples que até nos espanta. Uma hospitalidade tão espontânea que abala todas as nossas desconfianças, todos os interrogatórios que sempre fazemos antes de abrir as portas a quem nos pede guarida e às vezes tão simplesmente um copo de água! A distinta senhora de Suném devia saber que um profeta sempre incomoda. Que é uma visita para perturbar. Que à sua saída tudo ficaria diferente. Mesmo assim, abriu o coração à palavra interpeladora do profeta e, sem se dar muito conta disso, abriu-o também à discreta presença de Deus. Deus é assim. Podia vir de raspão, com trovões e imagens de arrepiar. Mas não. Passeia-se pelo nosso meio com pés de criança, com voz de profeta. É este o caminho escolhido por Deus para chegar até nós. Deus vem escondido nos rostos e nas palavras, nos gritos dos pequenos, nas misérias escondidas. É aí que Ele se manifesta. Acolhê-lo é acolher os que Ele envia.

2. ...para acolher Cristo nos outros

Foi assim também com Jesus. Convidou ao acolhimento. Acolher os seus enviados era acolhê-lo a Ele e acolher a Jesus era acolher Aquele que o enviou. Palavras simples a dizer-nos que a exigência do Evangelho nem sempre é feita de gestos heróicos... que, às vezes, um copo de água fresca manifesta um olhar atento, um coração aberto, por onde Deus já passou e ficou. Isto dito depois de todas aquelas

exigências. Elas só se compreendem num amor exclusivo a Jesus. Não por ciúme. Mas porque o homem só se abre e só dá a sua Vida pelos outros quando se abrir inteiramente à presença e ação de Deus. Vem a recompensa. Ainda que seja o sorriso esboçado entre as faces do pobre mendigo ou do profeta incómodo ou do justo que nos perturba. Não sabia a senhora de Suném que ao passar em sua casa um enviado de Deus lhe deixou uma semente de Vida. «*Por esta época, no próximo ano, terás um filho nos braços*». Deus quando se mete pela nossa vida dentro só traz novidades. Enche a nossa existência de vida, surpresa e maravilha.

3. ...Em tempo de férias!

Somos conhecidos pela hospitalidade. «Quem se senta à nossa mesa, não paga a despesa!»! Não faltam na rua, mais agora neste tempo de Verão, turistas e emigrantes, homens e mulheres, pequeninos e grandes do mundo, a carregarem a miséria dos homens e a riqueza de Deus. Acolher Deus é ser capaz de um sorriso. De uma palavra. De uma escuta atenta. De uma porta aberta, de uma mesa posta, de um gesto de simpatia, de um passo de companhia, de tempo para os outros. Nestas férias, saibamos encontrar no acolhimento a forma mais cristã de gastar o tempo. Acolher a Cristo, pondo-o no centro do coração. Basta um copo de água, para que Deus passe sereno e discreto pela nossa Vida e deixe um rasto de Vida. É esta a recompensa. Foi assim que Deus nos acolheu em Cristo. Na água do Batismo. E agora à mesa da Eucaristia. Ao sair, é possível que Deus se cruze connosco, escondido no rosto fatigado de um pobre peregrino. Se basta um copo de água e o rio está bem perto, por que havemos de esperar? Nas férias de cada um sobre tempo para os outros. E para a surpresa de Deus. Boas férias!

BAPTISMO

- Ao ser batizado (isto é, ao aderir a Cristo e ao aceitar a oferta de salvação que Cristo faz), o cristão renuncia ao egoísmo e ao pecado, a fim de viver numa dinâmica de vida nova. O pecado passa a ser algo absolutamente incoerente e absurdo pois, pelo batismo, o cristão enxertou-se em Cristo - isto é, passou a receber de Cristo a vida que o anima e alimenta.
- Como é que foi a vida que Cristo viveu? A vida de Cristo foi marcada pelo egoísmo, pelo orgulho, pela autossuficiência? Não. A vida de Cristo foi vivida no amor, na partilha, no dom total de si a Deus e aos homens. Cristo "matou" o pecado, ao viver uma vida segundo Deus. A cruz, sobretudo, como expressão última de uma vida totalmente liberta do egoísmo e feita dom radical, é o "golpe final" no pecado (que é egoísmo, que é autossuficiência, que é fechamento em si próprio). A ressurreição, mostra essa vida nova que brota de um "não" decidido ao egoísmo e ao pecado.
- Ora os cristãos, pelo Batismo, são "enxertados" em Cristo. Quer dizer: entram a fazer parte do Corpo de Cristo e passam a receber de Cristo a vida que os alimenta. Se neles circula a mesma vida de Cristo, o pecado já não tem aí lugar: só tem aí lugar essa vida de dom, de amor, de entrega, de serviço que conduz à ressurreição, à vida definitiva. Ser batizado é "sepultar o pecado" e ressuscitar para uma dinâmica de vida nova, de onde o pecado está - tem de estar - ausente.

As tuas férias...

1. **As tuas férias** não são tempo perdido! Mas um tempo diferente; Aproveita-o!
2. **As tuas férias** não valem pelos muitos quilómetros percorridos. Mas pela peregrinação interior. Viaja dentro de ti...
3. **As tuas férias** não são um tempo só para ti, mas tempo dado a ti para os outros! Visita-os!
4. **As tuas férias** não são para não fazer nada, mas para fazer o que noutras alturas é impossível realizar. Sê criativo!
5. **As tuas férias** não custam dinheiro. Custam apenas um coração aberto! Dá o teu coração!
6. **As tuas férias** não são para esquecer Deus, mas para o lembrar mais! Reza-lhe mais!
7. **As tuas férias** não são para gastar de mais, mas para dar e receber mais! Sê hospitaleiro!
8. **As tuas férias** não são para lebares muita tralha atrás de ti. Mas para te sentires mais livre de todos os pesos...Liberta-te!
9. **As tuas férias** não são para te cansar, mas para repousares. Dorme mais!
10. **As tuas férias** não são para deslizares sozinho, mas para descobrires as paisagens com Deus ao fundo... Está atento!

XIII Domingo Comum A

Missa com Crianças

Ofertório

1. (coração de Pais): - diz uma criança do 1º ano; oferece uma criança do 1º ano);

Jesus, tu disseste: *Quem ama o Pai ou a Mãe mais do que a mim, não é digno de Mim.* Quando estiver em causa o amor a Ti, nada nos pode separar de ti. Nós te oferecemos o coração do Pai e da Mãe, para que também os nossos pais estejam no teu coração, Senhor!

2. (coração de Filhos): diz um pai. Oferece uma mãe;

Jesus, tu disseste: *Quem ama o filho e a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim!* Porque nem os nossos filhos nos pertencem... São teus e para ti, Senhor. Nós tos oferecemos para que também eles estejam no teu coração!

3. (uma cruz): diz um adolescente do 8º ano; oferece uma catequista

Jesus, tu disseste: *Quem não toma a sua Cruz para me seguir, não é digno de Mim!* Nós te oferecemos os sofrimentos deste ano, as nossas impaciências e os nossos sacrifícios. Queremos que tu, Jesus, os eaves ao coração do Pai! Para que estejamos sempre no teu coração!

4. (um ramo seco): diz um adolescente do 10º ano; oferece um adolescente do 9º ano

Jesus tu disseste: *Quem tiver achado a sua vida, há de perdê-la.* Às vezes queremos tudo e não temos nada. Porque quando te perdemos, perdemos a Vida. Acolhe as nossas vidas perdidas e transforma-as em esperança de futuro.

5. (um ramo verde): diz um adolescente do 7º ano e oferece um do 6º ano:

Jesus, tu disseste: *Quem tiver perdido a vida por minha causa, há de encontrá-la!*
Deixa que percamos a vida em Ti. Abre-nos o teu coração onde cada um de nós
mergulhe as suas misérias e grandezas!

6. (quadro com o rosto de Jesus): diz uma criança do 6º ano e leva o quadro uma
do 5º ano:

Jesus, tu disseste: *Quem me acolhe, acolhe Aquele que me enviou!* Queremos
oferecer-te o Coração de todos os filhos de Deus, no qual tu vives para sempre!

7. (Criança do 4º ano vestida de profeta; criança do 4º ano lê):

Jesus, tu disseste: *Quem acolhe um profeta por ele ser profeta receberá recompensa
de profeta.* Este menino, agora feito profeta, é a expressão do nosso desejo: todos
queremos anunciar o teu amor. Todos somos profetas da Vida e da esperança!

8. (balança): diz uma criança do 3º ano e lê uma do 3º ano:

Jesus, tu disseste: *Quem acolhe um justo por ele ser justo, receberá recompensa
de justo.* Queremos a justiça e não tememos cumpri-la. Nós te oferecemos as
coisas boas deste ano. Pesa-as segundo a medida do teu amor!

9. (um copo de água): diz uma criança do 2º ano; leva uma criança do 2º ano

Jesus, tu disseste: *E se alguém der de beber nem que seja um copo de água fresca a
um destes pequeninos, por ele ser meu discípulo, em verdade vos digo: não perderá a
sua recompensa!* Queremos oferecê-lo para dizer que nestas férias teremos tempo
para acolher, dar e receber!